

**Transcrição do depoimento/entrevista realizada com a Sra. Suzi Pessanha, gravado no Museu e Felícia Leirner e disponibilizado no site do Museu Felícia Leirner e Auditório Claudio Santoro.**

Conheci a Dona Felícia primeiro porque a gente era vizinha, então ela morava no final da rua do meu prédio, então eu tinha acabado de ter um bebê e ia passear toda manhã com o carrinho e o bebe e chegava até o final da rua onde eu era obrigada a voltar, e eu sempre ficava ali vendo as esculturas no jardim, no gramado e o portão de gradio fechado. Ai um dia ela pediu pro jardineiro abrir e ai a gente conversou, ela foi até lá, eu entrei mas, eu não a vi trabalhando mas eu vi assim a mesa cheia dos projetos que ela ficava ali desenhando.

Eu achava assim que aquela, aquela senhora né? Tão frágil e que trabalhava com peças tão pesadas e eu achava assim incrível, que eu via o movimento do pessoal trabalhando com ela, de pedreiros e tal.

Aqui o Museu da Felícia, da Dona Felícia, antes era só um campo, então eles estavam transportando as esculturas da casa, minha vizinha pra cá, então quando eu vim para cá fazer aula de jazz e de fotografia eu encontrava a Dona Felícia também, eu: Oi a senhora por aqui!? Ela sempre muito gentil e podia estar o sol quente que fosse ela estaria de sombrinha pra não tomar sol lá no meio do gramado com os pedreiros em volta da obra porque teve as obras que ela esculpiu aqui ou deu acabamento aqui alguma coisa assim, então ela ficava lá. Dia de chuva, ela estava de galocha, capa de chuva e o guarda-chuva por conta da chuva e amassando o barro por lá.

Às vezes eu encontrava ela no gramado, ia até lá e conversava, a gente conversava e ela falava que o barro fazia parte do homem, que o homem infelizmente não tinha contato com o barro, não tinha contato com a terra, o homem achava que tudo contaminava, né! A mãozinha tava sempre cheia de terra, né, porque tava sempre mexendo nas obras, na própria massa do cimento e ali.

Uma pessoa muito voltada para a natureza, né. Então ela gostava muito de... é, se sentir dentro da cidade, por isso que ela gostava de vir aqui. Por que ela tinha

contato com os funcionários, ela tinha contato com os próprios pedreiros que trabalhavam na equipe dela.

Era uma pessoa baixinha, né, frágil, simpática, falava com o sotaque bem carregado, mas era uma pessoa muito vivaz. Se alguém falava alguma coisa ela entendia nas entrelinhas, né, então as vezes saia uma piadinha, ela era a primeira que incorporava e ria.

Então ela era uma pessoa muito... assim, é... simples e fácil da gente conviver.

Ela foi uma das pessoas que eu tive assim, o prazer de conhecer, de vivenciar algumas coisinhas com ela, é... um chá, é... às vezes uma troca de um pensamento, como esse, sabe como o homem não interage com a terra.

Eu admirava a figura dela, né. A sensibilidade dela, e a inteligência também, né, então eu acho assim, que como ele é uma...uma... é artista de vanguarda, uma pessoa que pensava além do tempo, eu via isso inclusive nas obras dela mesmo.

Por ela estar assim, envolvida com a arte, com a natureza, isso eu acho que me influenciou muito, porque depois que eu vim fazer a faculdade de artes.

Ela foi embora de Campos, acho mesmo que por conta da saúde e aí ela acabou falecendo pra lá, então aqui nós perdemos contato direto com ela. Como ficou as obras aqui e ela já não tava mais trabalhando então ficou o que ela tinha feito aqui, aí as obras de São Paulo vieram pra cá também, a fase de cobre, as cruces, então vieram tudo pra cá, então nós ficamos com a obra. Ela se foi e nós não tivemos mais contato com ela. O coração dela eu acho que o jordanense, a cidade teve até o último instante.

Mas o que é dela ficou aqui, o amor que ela sentia pela cidade ficou também, e nós temos ela assim no coração né?